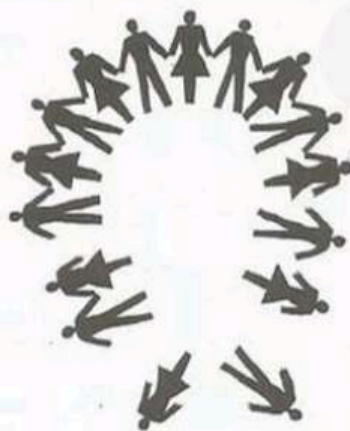


12 INTRODUÇÃO



14

Os seres humanos são criaturas sociais. Em toda a nossa evolução, desde que éramos caçadores-coletores, tendemos a viver e a trabalhar em grupos sociais, os quais se tornaram cada vez maiores e mais complexos. Esses grupos têm variado de unidades familiares simples, passando por clãs e tribos, vilas e povoados, até as cidades e estados-nações. Nossa inclinação natural a viver e trabalhar juntos nos levou a formar sociedades civis, que têm sido moldadas pelo crescimento de nosso conhecimento e pela sofisticação de nossa tecnologia. Por outro lado, a natureza da sociedade em que vivemos influencia nosso comportamento social, afetando praticamente cada aspecto de nossa vida. A sociologia é o estudo de como os indivíduos se comportam em

grupos e como seu comportamento é moldado por esses grupos. Ou seja, como os grupos são formados; quais as dinâmicas que os sustentam; e como essas dinâmicas mantêm e alteram o grupo ou como produzem mudanças sociais. Hoje, o escopo da sociologia vai desde o estudo teórico de processos, estruturas e sistemas sociais até a aplicação dessas teorias como parte da política social. E, já que a sociedade é uma coletânea de pessoas individuais, existe uma conexão inevitável entre as estruturas da sociedade como um todo e o comportamento de seus membros individuais. Os sociólogos, portanto, tendem a focar as instituições e a organização da sociedade, seus vários agrupamentos sociais e suas estratificações, bem como a interação e as experiências dos indivíduos.

Talvez para nossa surpresa, a sociologia é uma disciplina relativamente moderna. Apesar de filósofos da China e da Grécia antigas reconhecerem a existência da sociedade civil e os benefícios da ordem social, suas preocupações eram mais políticas que sociológicas — como a sociedade deveria ser organizada e governada em vez de um estudo da própria sociedade. Mas, assim como a filosofia política surgiu dessas civilizações, a

sociologia nasceu do resultado das profundas mudanças na sociedade ocidental durante o Iluminismo.

Essas mudanças tiveram vários aspectos. Mais notavelmente os avanços tecnológicos, que aperfeiçoaram as máquinas, levando à Revolução Industrial, mudando radicalmente os métodos de produção e criando cidades industriais prósperas. As crenças tradicionais baseadas nas doutrinas religiosas foram questionadas pela filosofia do Iluminismo. Não foi só a autoridade da Igreja que foi minada pela chamada Era da Razão: a velha ordem das monarquias e das aristocracias estava sob ameaça, com demandas por um governo mais representativo, desencadeando as revoluções na América e na França.

Sociedade e modernidade

Uma nova e moderna sociedade foi criada a partir do Iluminismo. A sociologia começou a surgir ao final do século XVIII como uma resposta a essa transformação, enquanto filósofos e pensadores tentavam entender a natureza da modernidade e seus efeitos sobre a sociedade. Inevitavelmente, alguns apenas lamentaram a erosão das formas tradicionais de coesão social, como os laços familiares e o espírito comunitário presentes em pequenas sociedades rurais e os valores e

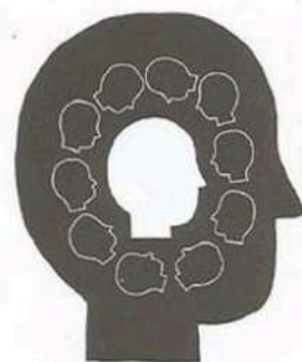
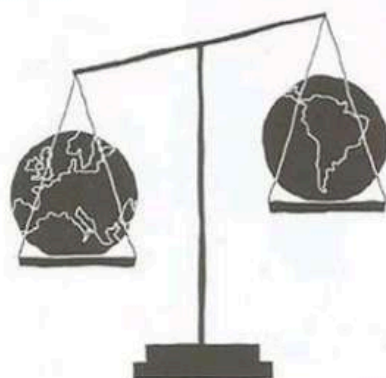


A sociologia nasceu do ardor moderno para melhorar a sociedade.

Albion W. Small

Intelectual americano (1854-1926)





crenças compartilhados por uma religião comum. Porém, outros reconheceram que havia novas forças sociais em jogo, produzindo mudanças sociais com potencial tanto para ordem quanto para desordem social.

Aliados ao espírito do Iluminismo, esses primeiros pensadores sociais buscavam fazer de seus estudos da sociedade algo objetivo, criando uma disciplina científica distinta da filosofia, da história e da política. As ciências naturais (física, química, astronomia e biologia) já estavam bem estabelecidas, e o tempo era propício para o estudo dos humanos e de seus comportamentos.

Por causa da natureza da Revolução Industrial e do capitalismo que ela estimulou, a primeira das novas "ciências sociais" a surgir foi a economia, tendo como pioneiro o livro de Adam Smith *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, mais conhecido como *A riqueza das nações*, em 1776. Mas os alicerces da sociologia também foram firmados por filósofos e teóricos como Adam Ferguson e Henri de Saint-Simon e, no começo do século seguinte, por Auguste Comte, cuja abordagem científica estabeleceu a sociologia como uma disciplina à parte.

Seguindo os passos de Comte, vieram três sociólogos inovadores, cujas abordagens distintas à análise e à interpretação do comportamento social definiram a pauta da sociologia no século xx e além: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Cada um deles identificou um aspecto diferente da modernidade como o principal fator na criação da ordem, da desordem e da mudança social. Marx, filósofo e economista materialista, focou o crescimento do capitalismo e a subsequente luta de classes; Durkheim, a divisão do trabalho advinda da industrialização; e Weber, a secularização e a racionalização da sociedade moderna. Todos os três tiveram seguidores fervorosos, influenciando as principais

escolas da sociologia do pensamento até os nossos dias.

Uma ciência social

A sociologia foi produto da Era da Razão, quando a ciência e o pensamento racional começaram a reinar de modo supremo. Os primeiros sociólogos estavam, portanto, ansiosos para que sua disciplina fosse levada a sério, e seus métodos tinham que ser vistos como rigorosamente científicos — um duro trabalho, dada a natureza de seu tema: o comportamento social humano. Comte estabeleceu as bases da nova "ciência" da sociologia a partir da evidência empírica, de forma similar às ciências naturais. Marx também insistiu na abordagem científica do assunto, e Durkheim talvez tenha sido o primeiro a fazer com que a sociologia fosse aceita como uma ciência social no mundo acadêmico.

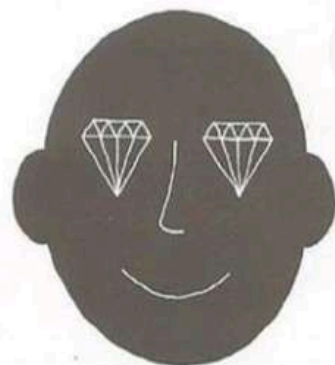
Para ser considerado ciência, qualquer método científico tinha que ser quantitativo, ou seja, analisar dados mensuráveis e, a partir deles, testar hipóteses e obter resultados. Marx e Durkheim podiam apontar para fatos, números e estatísticas para sustentar suas teorias, mas outros defendiam que a ciência social deveria ser mais qualitativa. Weber, em especial, propunha uma abordagem interpretativa, examinando o que é viver numa sociedade moderna »



A natureza humana é...
incrivelmente maleável...
respondendo de forma precisa
e diversa para contrapor
tradições culturais.

Margaret Mead





e as interações e relações necessárias para coesão social.

Apesar de esse ponto de vista ter sido inicialmente desprezado por muitos como não científico, na segunda metade do século xx a sociologia tornou-se cada vez mais interpretativa, tendo uma metodologia que incluía uma combinação de técnicas de pesquisa tanto quantitativas quanto qualitativas.

Reforma social

Para muitos sociólogos, a sociologia é mais que simplesmente o estudo objetivo da sociedade e a busca por analisar e descrever as estruturas e os sistemas sociais. As teorias sociológicas, assim como as das ciências naturais, têm aplicações práticas e podem ser usadas para melhorar a sociedade na qual vivemos. No século xix, Comte e Marx viam a sociologia como uma forma de entender o funcionamento da sociedade a fim de gerar uma mudança social. Marx tem uma citação famosa: "Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras. Porém, o que importa é transformá-lo", e seus diversos seguidores (tanto sociólogos quanto ativistas políticos) levaram isso muito a sério.

Durkheim, que em termos políticos estava longe de ser tão radical quanto Marx, se esforçou muito para que a sociologia fosse aceita como uma disciplina acadêmica. Para ganhar a aprovação dos especialistas, ele tinha que demonstrar tanto as credenciais científicas do tema quanto sua objetividade, especialmente à luz da insatisfação política que existiu na Europa por mais de um século após a Revolução Francesa. Tal abordagem, próxima de uma "torre de marfim", divorciou-se do mundo real e dominou a sociologia na primeira metade do século xx, mas, conforme aos poucos os sociólogos foram adotando uma atitude mais interpretativa, passaram também a

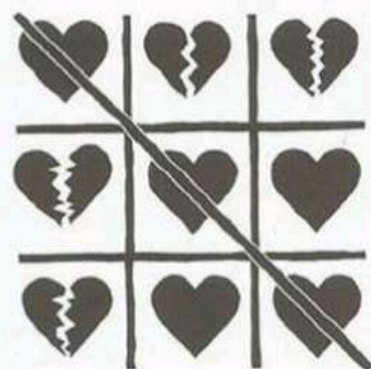
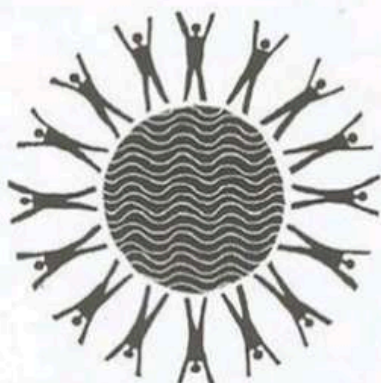
defender a sociologia como uma ferramenta para a mudança social.

Isso podia ser claramente visto entre os sociólogos com uma perspectiva marxista, além de outros que defendiam uma pauta política de esquerda. Depois da Segunda Guerra Mundial, sociólogos como Charles Wright Mills e Michel Foucault examinaram a natureza do poder na sociedade e seus efeitos nos indivíduos: a maneira como a sociedade molda nossa vida em vez de como moldamos a sociedade, além de como devemos resistir a essas forças. Mesmo na sociologia predominante havia uma mudança de humor, e o escopo do tema foi ampliado do simples estudo acadêmico da sociedade como ela é, passando a incluir aplicações práticas que formariam políticas públicas e guiariam a mudança social. Em 1972, Howard Becker, um respeitado pensador da teoria sociológica, escreveu: "A boa sociologia... produz descrições significativas de organizações e eventos, explicações válidas sobre como elas surgiram e perduraram e propostas realistas para sua melhoria ou eliminação".

“
A função da sociologia, como a de todas as ciências, é revelar o que está escondido.
Pierre Bourdieu
”

Instituições e indivíduos

Como reflexo da crescente ênfase na relevância da sociologia, o assunto



ganhou aceitação maior, até mesmo um interesse popular, na segunda metade do século xx, conforme mais pensadores voltaram sua atenção para questões sociais, de modo que o escopo da sociologia foi ampliado. Evoluindo a partir do estudo tradicional das estruturas e dos sistemas da sociedade moderna e das forças da coesão social, além das causas da desordem social, ele passou a examinar as conexões entre essas áreas e as interações de indivíduos e de grupos sociais.

Há cerca de um século, os sociólogos se dividiram entre os que se aproximavam do assunto em um nível macro (olhando a sociedade como um todo e as instituições que a constituíam) e aqueles com uma abordagem em um nível micro — focando a experiência de vida do indivíduo em sociedade. Embora essa distinção continue de certa forma a existir, os sociólogos reconhecem, agora, que as duas estão intimamente conectadas, e muitos concentram seus trabalhos em grupos que se encontram entre essas duas abordagens: classes sociais; grupos étnicos, religiosos ou culturais; famílias; ou grupos que são definidos por gênero ou orientação sexual.

A sociologia também respondeu ao ritmo acelerado da mudança,

Desde a Segunda Guerra Mundial, muitas convenções sociais foram postas em xeque, e novas normas sociais assumiram seu lugar. No mundo ocidental, os direitos civis e os movimentos das mulheres se esforçaram para lidar com as desigualdades sociais e de gênero, e as teorias sociológicas também ajudaram na mudança de atitude em relação à sexualidade e à vida familiar. Nesse ponto, Zygmunt Bauman aconselha: “A tarefa da sociologia é vir em auxílio ao indivíduo. Devemos estar a serviço da liberdade”.

A era global

Pode-se argumentar que as inovações tecnológicas trouxeram mudanças sociais comparáveis — se não mais amplas — às produzidas pela Revolução Industrial. O aumento da automação e da informatização, o crescimento do setor de serviços e da sociedade de consumo contribuíram, todos, para moldar a sociedade na qual vivemos hoje. Enquanto alguns sociólogos veem isso como uma continuação do processo da modernidade, outros acreditam que estamos entrando, agora, numa era pós-moderna e pós-industrial.

Avanços na comunicação e na mobilidade também fizeram do mundo um lugar menor. Recentemente, os

sociólogos voltaram sua atenção para a importância da identidade cultural e nacional e os efeitos da globalização, especialmente em comunidades locais. Com as novas formas de comunicação — em especial a internet e as viagens internacionais cada vez mais rápidas —, surgiram redes sociais inteiramente novas. Elas não dependem do contato face a face, mas conseguem reunir pessoas e grupos de modo que, há cinquenta anos, era inimaginável. A tecnologia moderna também ofereceu à sociologia meios sofisticados de pesquisa e análise da evolução dessas novas estruturas sociais. ■



O verdadeiro trabalho político numa sociedade como a nossa é criticar o funcionamento de instituições que parecem neutras e independentes: criticá-las de modo que... possam ser combatidas.

Michel Foucault



Em seu livro *Muqaddimah*, Ibn Khaldun descreve a *asabiyyah*, o conceito árabe de "solidariedade" ou coesão social.

c. 1377

Henri de Saint-Simon propõe uma **ciência da sociedade** em seu *Mémoires sur la science de l'homme*.

1813

No livro *Theory and Practice of Society in America*, Harriet Martineau descreve as **desigualdades sociais** no tratamento opressivo de escravos, mulheres e classe trabalhadora.

1837

Karl Marx produz o primeiro volume de sua **abrangente análise do capitalismo**, *O capital*.

1867

Ferdinand Tönnies diferencia **comunidade tradicional e sociedade moderna**, em sua obra *Gemeinschaft und Gesellschaft*.

1887

1767

1830-42

1848

1874-85

O trabalho de Adam Ferguson *Essay on the History of Civil Society* explica a importância do **espírito cívico** como contrapartida à influência destrutiva do capitalismo na sociedade.

Auguste Comte, em seu *Curso de filosofia positiva*, detalha a evolução da **sociologia como uma ciência**.

Em *O manifesto comunista*, Karl Marx e Friedrich Engels preveem a **mudança social** como resultado de uma revolução proletária.

Herbert Spencer, nos vários volumes de sua obra *Sistema de filosofia sintética*, defende que as sociedades evoluem como os organismos vivos, e que **só as mais fortes sobrevivem**.

A sociologia só estabeleceu suas credenciais como disciplina no século xx, mas suas diversas correntes de pensamento, abordagens e campos de estudo evoluíram durante séculos com o trabalho de historiadores e filósofos.

Apesar de o primeiro estudo sociológico reconhecido ter sido feito por Ibn Khaldun no século xiv, os pioneiros da sociologia como os conhecemos hoje somente começaram a surgir no século xviii, quando a sociedade passou por uma mudança radical na Europa ocidental: as ideias iluministas substituíam as crenças tradicionais, e a Revolução Industrial estava transformando a maneira como as pessoas viviam e trabalhavam. Esses pioneiros viram as mudanças sociais como sendo guiadas por forças que passaram a ser conhecidas como "modernidade", o que incluía os efeitos

da industrialização e o crescimento do capitalismo, além dos menos tangíveis (mas não menos importantes) efeitos da secularização e da racionalidade.

Uma ciência social

A sociedade moderna foi produto da Era da Razão: a aplicação do pensamento racional e das descobertas científicas. Nesse sentido, os pioneiros da sociologia, como o filósofo francês Henri de Saint-Simon e seu pupilo Auguste Comte, buscaram oferecer evidências verificáveis para sustentar suas teorias. Comte acreditava não apenas que as forças da ordem social podiam ser explicadas através de regras similares às da física e da química, mas que a sociologia aplicada poderia produzir a reforma social do mesmo modo que as ciências aplicadas levaram aos avanços tecnológicos.

Assim como Comte, Karl Marx acreditava que o propósito de estudar a sociedade não era apenas descrevê-la ou explicá-la, mas melhorá-la. Ele também queria ser científico, mas escolheu como seu modelo a nova ciência da economia, identificando o capitalismo como o principal fator da modernidade que guiava a mudança social.

Quase um século antes de Marx, o filósofo escocês Adam Ferguson advertiu sobre a ameaça à coesão tradicional causada pelo interesse próprio do capitalismo, e tanto Harriet Martineau quanto o parceiro de Marx, Friedrich Engels, descreveram as injustiças sociais da sociedade capitalista industrializada em meados do século xx. Outro pioneiro da sociologia, Ferdinand Tönnies, ecoou as ideias de Ferguson com sua descrição de duas modalidades bem diferentes de coesão social nas sociedades tradicionais e modernas — um conceito interpretado

Émile Durkheim funda o primeiro departamento europeu de sociologia, na Universidade de Bordeaux, e publica *As regras do método sociológico*.

↑
1895

Charles Wright Mills e Hans Heinrich Gerth apresentam as ideias de Weber ao público de língua inglesa em *From Max Weber: Essays in Sociology*.

↑
1946

Harold Garfinkel, em *Studies in Ethnomethodology*, apresenta uma nova metodologia para a sociologia, observando as ações cotidianas que promovem a ordem social.

↑
1967

Judith Butler questiona as ideias tradicionais de gênero sexualidade. **20** *Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade*.

↑
1990

1893



Em *Da divisão do trabalho social*, Émile Durkheim descreve a solidariedade orgânica de indivíduos interdependentes.

1904-05



Max Weber, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, oferece uma nova explicação de como as sociedades modernas evoluíram.

1959



Em *A imaginação sociológica*, Charles Wright Mills defende que os sociólogos deveriam sugerir formas de melhorar a sociedade.

1975



Michel Foucault começa seu estudo da natureza do poder na sociedade em *Vigiar e punir*.

de diversos modos por muitos sociólogos que vieram depois dele.

No final do século XIX, a sociologia se afirmou como um campo de estudo distinto da história, da filosofia, da política e da economia, principalmente graças a Émile Durkheim. Adotando a ideia de Comte de aplicar a metodologia científica ao estudo da sociedade, ele incorporou a biologia como seu modelo. Tal qual Herbert Spencer antes dele, Durkheim via a sociedade como um "organismo" com diferentes "órgãos", cada um com uma função específica.

Uma abordagem interpretativa

Embora o rigor objetivo de Durkheim tenha ganhado a aceitação acadêmica, nem todos os sociólogos concordavam que seria possível examinar as questões sociais com métodos científicos, nem que haveria "leis" da

sociedade a serem descobertas. Max Weber defendia uma abordagem mais subjetiva — "interpretativa". Enquanto Marx considerava o capitalismo e Durkheim a industrialização como as principais forças da modernidade, o foco de Weber era o efeito da racionalização e da secularização nos indivíduos.

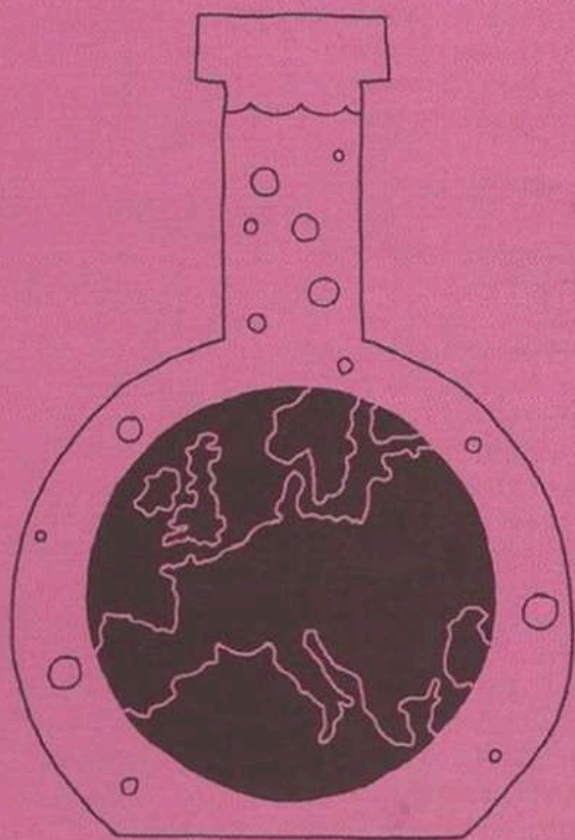
Uma disciplina estritamente científica foi dando lugar a uma sociologia que era o estudo de ideias qualitativas: noções incomensuráveis como cultura, identidade e poder. Em meados do século XX, os sociólogos mudaram de uma visão macro da sociedade para uma visão micro da experiência individual. Charles Wright Mills incentivou os sociólogos a fazer a conexão entre as instituições da sociedade (sobretudo o que ele chamava de "elite de poder") e a forma como afetavam a vida das pessoas comuns.

Depois da Segunda Guerra Mundial, outros assumiram uma premissa similar: Harold Garfinkel defendia uma mudança completa dos métodos sociológicos para examinar a ordem social através das ações cotidianas das pessoas comuns. Por outro lado, Michel Foucault analisou a maneira como as relações de poder forçavam os indivíduos a se ajustar às normas sociais, especialmente às normas sexuais — ideia levada adiante por Judith Butler em seu estudo sobre gênero e sexualidade.

No final do século, encontrou-se um equilíbrio entre o estudo objetivo da sociedade como um todo e o estudo interpretativo da experiência individual. A pauta havia sido estabelecida por um punhado de sociólogos inovadores, e seus vários métodos agora são aplicados ao estudo da sociedade num mundo cada vez mais globalizado e moderno. ■

A CIÊNCIA PODE SER USADA PARA CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

AUGUSTE COMTE (1798-1857)



EM CONTEXTO

FOCO

Positivismo e o estudo da sociedade

DATAS IMPORTANTES

1813 O teórico francês Henri de Saint-Simon sugere a ideia de uma ciência da sociedade.

Década de 1840 Karl Marx argumenta que as questões econômicas estão na raiz da mudança histórica.

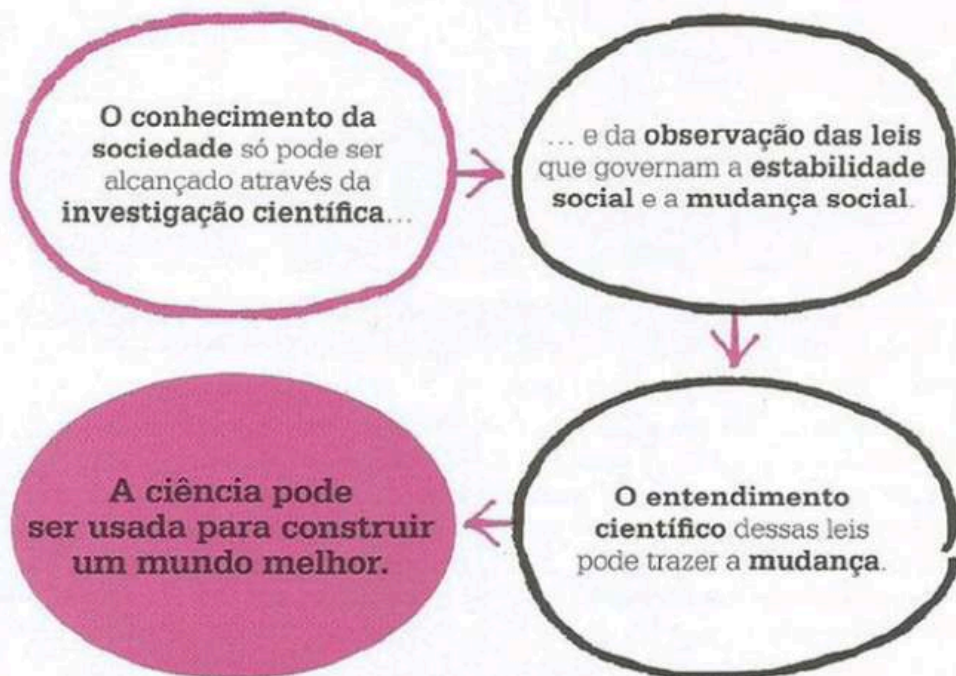
1853 A tradução resumida de *The Positive Philosophy of Auguste Comte* para o inglês feita por Harriet Martineau apresenta as ideias de Comte a um público maior.

1865 O filósofo britânico John Stuart Mill se refere às ideias sociológicas originais de Comte como o "Comte bom" e a suas ideias políticas posteriores como o "Comte ruim".

1895 Em *As regras do método sociológico*, Émile Durkheim tenta estabelecer uma sociologia sistemática.

No final do século XVIII, a crescente industrialização trouxe mudanças radicais à sociedade tradicional europeia. Ao mesmo tempo, a França lutava para estabelecer uma nova ordem social após a Revolução Francesa. Alguns pensadores, como Adam Smith, buscaram explicar as rápidas mudanças da sociedade em termos econômicos. Outros, como Jean-Jacques Rousseau, o fizeram em termos político-filosóficos. Adam Ferguson descreveu os efeitos sociais da modernização, mas ninguém, até então, havia oferecido uma explicação para o progresso social que englobasse as teorias políticas e econômicas. Tendo como pano de fundo a incerteza

Veja também: Harriet Martineau 26-27 ■ Karl Marx 28-31; 254-259 ■ Ferdinand Tönnies 32-33 ■ Émile Durkheim 34-37 ■ Max Weber 38-45; 220-223



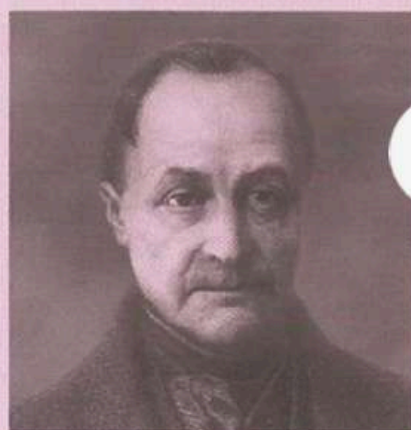
social na França, o filósofo socialista Henri de Saint-Simon tentou analisar as causas das mudanças sociais e as formas de alcançar a ordem social. Ele sugeriu que existe um padrão de progresso social e que a sociedade passa por uma série de estágios. Contudo, foi seu pupilo, Auguste Comte, quem desenvolveu essa ideia a partir de uma abordagem abrangente do estudo da sociedade baseado em princípios científicos, que de início chamou de "física social" e posteriormente descreveu como "sociologia".

Entendendo e transformando

Comte era filho do Iluminismo, e sua maneira de pensar estava arraigada nos ideais da Era da Razão, com foco racional e objetivo. O surgimento do método científico durante o Iluminismo influenciou a abordagem de Comte em relação à filosofia. Ele fez uma análise detalhada das ciências naturais e de

sua metodologia e, depois, propôs que todos os ramos do conhecimento deveriam adotar os princípios científicos e basear a teoria na observação. O argumento central da filosofia "positivista" de Comte é que o conhecimento válido sobre qualquer coisa só pode derivar do questionamento positivo, científico. Ele vira o poder transformador da ciência: as descobertas científicas garantiram os avanços tecnológicos que produziram a Revolução Industrial e criaram o mundo moderno onde, hoje vivemos.

Havia chegado a hora, dizia ele, de uma ciência social nos dar não apenas o entendimento dos mecanismos da ordem social e da mudança social, mas também os meios de transformar a sociedade, do mesmo modo que as ciências físicas ajudaram a modificar nosso ambiente físico. Ele considerava o estudo da sociedade humana, ou sociologia, o mais desafiador e complexo, logo, era a "rainha das ciências". »



Auguste Comte

Auguste Comte nasceu em Montpellier, na França. Seus pais eram católicos e monarquistas, mas Auguste rejeitou a religião e adotou o republicanismo. Em 1817, tornou-se assistente de Henri de Saint-Simon, que influenciou fortemente suas ideias sobre o estudo científico da sociedade. Depois de algumas desavenças, Comte se afastou de Saint-Simon em 1824, começando seu *Curso de filosofia positiva*, apoiado por John Stuart Mill e outros.

Comte sofria, nessa época, de transtornos mentais, e seu casamento com Caroline Massin acabou em divórcio. Em seguida, apaixonou-se perdidamente por Clotilde de Vaux (que havia se separado do marido), mas sua relação não se consumou, já que ela morreu em 1846. Comte dedicou-se, então, a escrever e estabelecer uma "Religião da Humanidade" positivista. Morreu em Paris em 1857.

Principais obras

- 1830-1842 *Curso de filosofia positiva* (seis volumes)
- 1848 *Discours sur l'esprit positif*
- 1851-1854 *Système de politique positive* (quatro volumes)

O argumento de Comte de que o estudo científico da sociedade era a culminação do progresso em nossa busca pelo conhecimento era influenciado por uma ideia proposta por Henri de Saint-Simon e foi exposto como a "lei dos três estados". Ela diz que nosso entendimento dos fenômenos passa por três fases: o estado teológico, no qual um deus ou deuses são citados como a causa das coisas; o estado metafísico, no qual a explicação se dá através de entidades abstratas; e o estado positivo, no qual o conhecimento é verificado por métodos científicos.

A grande teoria de Comte sobre a evolução social tornou-se também uma análise do progresso social — uma alternativa aos relatos meramente descritivos dos estágios societários, como as fases de caça e coleta, o nomadismo, a agricultura e a industrialização-comércio. A sociedade na França, sugere Comte, estava arraigada no estado teológico até o Iluminismo, e a ordem social estava baseada em regras essencialmente religiosas. Após a revolução, em 1789, a sociedade francesa entrou no estado metafísico, sendo ordenada de acordo com princípios e ideais seculares, especialmente os direitos à liberdade e à igualdade. Comte acreditava que, ao reconhecer as limitações da sociedade

“

A sociologia não é, portanto, o anexo de qualquer outra ciência, sendo em si mesma uma ciência distinta e autônoma.

Émile Durkheim

”

Comte identificou três estados do progresso da humanidade em seu entendimento do mundo. O estado teológico chegou ao fim com o Iluminismo no final do século XVIII. O foco mudou, então, do divino para o humano no estado metafísico do pensamento racional, a partir do qual evoluiu o estado final, no qual a ciência provê as explicações.



Estado
teológico



Estado
metafísico



Estado
científico

Começo da sociedade
humana

1790

1800

1810

1820

1830

Presente

pós-revolucionária, seria possível a ela entrar no estado positivo, no qual a ordem social poderia ser determinada cientificamente.

Uma ciência da sociedade

Comte propôs um arcabouço para a nova ciência da sociologia baseado nas ciências "duras" já existentes. Ele elaborou a hierarquia das ciências, organizadas logicamente de modo que cada ciência contribuísse com as seguintes, mas não com as que a antecederam. Começando com a matemática, a hierarquia seguia para a astronomia, a física e a química, até a biologia. O ápice dessa ordem ascendente do "positivismo" era a sociologia. Por essa razão, Comte sentiu que era necessário ter uma compreensão completa das outras ciências e de seus métodos antes de tentar aplicá-las ao estudo da sociedade.

O mais importante era o princípio da verificação através da observação: as teorias sustentadas pela evidência dos fatos. Mas Comte também reconheceu que é necessário ter uma hipótese para orientar a direção da pesquisa científica e para determinar o escopo da observação. Ele dividiu a sociologia em dois amplos campos de estudo: a "estática social", as forças que determinam a ordem social e mantêm as sociedades coesas; e a

"dinâmica social", as forças que determinam a mudança social. Um entendimento científico dessas forças oferece as ferramentas para levar a sociedade até o seu estágio evolutivo definitivo e positivo.

Apesar de Comte não ter sido o primeiro a tentar uma análise da sociedade humana, foi o pioneiro em determinar que ela é passível de ser estudada cientificamente. Além disso, sua filosofia positivista oferecia uma explicação tanto da sociedade industrial secular quanto dos meios para alcançar as reformas sociais. Ele acreditava que, assim como as ciências haviam resolvido problemas do mundo real, a sociologia — sendo a ciência definitiva e unificadora de todas as outras ciências — podia ser

“

Ciência donde previsão,
previsão donde ação.

Auguste Comte

”

aplicada aos problemas sociais para criar uma sociedade melhor.

Da teoria à prática

Comte desenvolveu suas ideias durante o caos que se seguiu à Revolução Francesa, e as apresentou em sua coletânea de seis volumes, *Curso de filosofia positiva*, cujo primeiro volume foi lançado no mesmo ano em que a França experimentou uma segunda revolução, em julho de 1830.

Depois da derrubada e da restauração da monarquia, a opinião na França se dividiu entre aqueles que queriam a ordem e aqueles que exigiam o progresso. Comte acreditava que o positivismo oferecia uma terceira via, um curso de ação racional mais que ideológico, baseado num estudo objetivo da sociedade.

Suas teorias lhe asseguraram tanto críticos como admiradores entre seus contemporâneos na França. Alguns de seus maiores apoiadores estavam na Grã-Bretanha, incluindo o intelectual liberal John Stuart Mill, que garantiu o apoio financeiro que lhe permitiu seguir com seu projeto, além de Harriet Martineau, que traduziu uma versão resumida de sua obra para o inglês.

Infelizmente a reputação que Comte havia construído foi ofuscada por sua obra posterior, na qual ele descrevia como o positivismo poderia ser aplicado a um sistema político. Uma vida pessoal infeliz (separação, depressão e um caso romântico trágico) é quase sempre citada como a causa da mudança em seu pensamento: de uma abordagem científica objetiva que examinava a sociedade para uma exposição quase religiosa de como ela deveria ser.

A revolução de 1830 na França coincidiu com a publicação do livro de Comte sobre o positivismo e parecia inaugurar uma era de progresso social que ele tanto ansiava.

A guinada na obra de Comte, da teoria para como ela poderia ser posta em prática, fez que ele perdesse vários seguidores. Mill e outros pensadores britânicos viam sua receita da aplicação do positivismo como quase ditatorial, e o sistema de governo que propunha como uma violação à liberdade.

Nessa época, surgiu uma abordagem alternativa ao estudo científico da sociedade. Tendo o mesmo pano de fundo das convulsões sociais, Karl Marx ofereceu uma análise do progresso social baseada na ciência da economia e um modelo para mudança com base na ação política, e não no racionalismo. Não é difícil ver por que, em uma Europa dividida por revoluções, a sociologia positivista de Comte acabou sendo eclipsada pelas demandas conflitivas entre o socialismo e o capitalismo. No entanto, foram Comte e, em menor escala, seu mentor, Saint-Simon, que primeiro propuseram a ideia da sociologia como uma disciplina baseada em princípios científicos em vez de pura teorização. Em especial, ele estabeleceu uma metodologia de

“

27

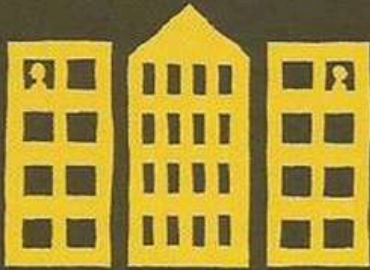
Os filósofos apenas interpretaram o mundo... o que importa é transformá-lo.

Karl Marx

”

observação e uma teoria para as ciências sociais fundamentadas diretamente das ciências físicas. Embora os sociólogos posteriores, sobretudo Émile Durkheim, discordassem dos detalhes de seu positivismo e de sua aplicação, Comte lhes ofereceu sólidos fundamentos sobre os quais pudessem trabalhar. Apesar de hoje o sonho de Comte da sociologia como a “rainha das ciências” parecer inocente, a objetividade que ele defendia continua sendo um princípio orientador. ■





EM CONTEXTO

FOCO

Comunidade e sociedade

DATAS IMPORTANTES

1651 O filósofo inglês Thomas Hobbes descreve a relação entre a natureza humana e a estrutura da sociedade em *Leviatã*.

1848 Em *O manifesto comunista*, Karl Marx e Friedrich Engels mostram os efeitos do capitalismo na sociedade.

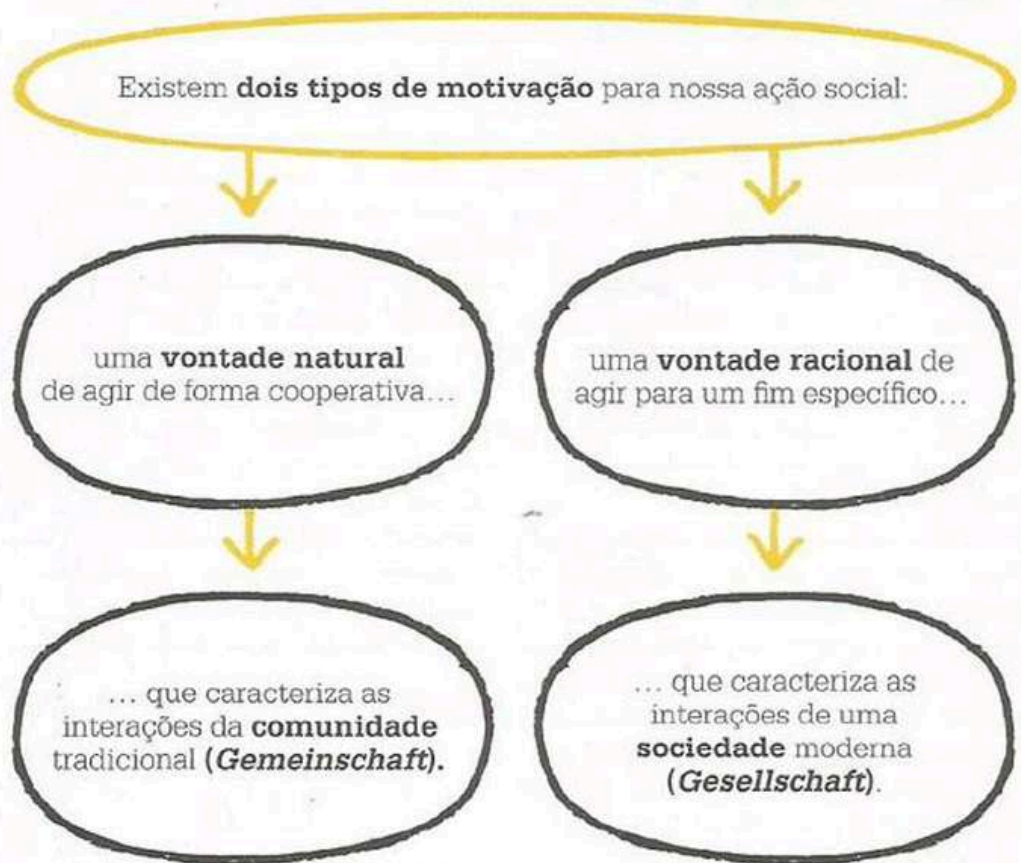
1893 O sociólogo Émile Durkheim propõe a ideia de ordem social mantida pela solidariedade orgânica e mecânica em *Da divisão do trabalho social*.

1904-1905 Max Weber publica *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

2000 Zygmunt Bauman apresenta a ideia de "modernidade líquida" numa sociedade cada vez mais globalizada.

GEMEINSCHAFT E GESELLSCHAFT

FERDINAND TÖNNIES (1855-1936)



No final do século XIX, vários pensadores voltaram sua atenção para as implicações sociais da modernidade, em especial o crescimento da sociedade capitalista industrial. Dentre eles estavam Émile Durkheim, Max Weber e Ferdinand Tönnies, amplamente reconhecidos

como os fundadores da sociologia. A maior contribuição de Tönnies para a disciplina foi sua análise dos tipos de agrupamento social em contraste, em seu livro *Gemeinschaft und Gesellschaft*, publicado em 1887.

Nessa que foi sua principal obra, Tönnies aponta para aquilo que vê

como a distinção entre as comunidades rurais e a moderna sociedade industrializada. As primeiras, argumenta, são caracterizadas pela *Gemeinschaft*, a comunidade, baseada nos laços familiares e nos grupos sociais, como a Igreja. Comunidades pequenas tendem a ter metas e crenças comuns, e a interação dentro delas se dá com base na confiança e na cooperação.

Triunfo da "vontade"

Nas sociedades de maior escala, como as cidades modernas, a divisão de trabalho e a mobilidade da força de trabalho erodiram os laços tradicionais. No lugar da *Gemeinschaft*, passou a existir a *Gesellschaft*, a associação ou sociedade. Os relacionamentos em tais sociedades são mais impessoais e superficiais, baseados no interesse próprio em vez de na ajuda mútua.

Os dois extremos de *Gemeinschaft* e *Gesellschaft* existem, em maior ou menor escala, em todo agrupamento humano, mas Tönnies defendia que a lógica do capitalismo e da competição levou à predominância de meras

“
A comunidade, por sua própria essência, é de origem anterior a seus sujeitos ou membros.

Ferdinand Tönnies

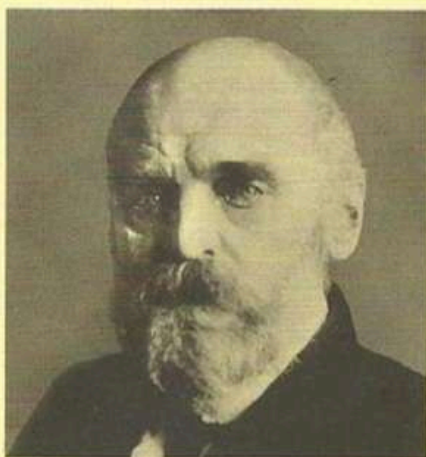
associações na sociedade industrial em que as pessoas viviam.

Na raiz da teoria de Tönnies estava a ideia de "vontade" — aquilo que motiva as pessoas a agir. Ele distinguiu entre aquilo que chamava de *Wesenwille*, a "vontade natural", e *Kürwille*, a "vontade racional". *Wesenwille*, dizia, é a vontade instintiva de fazer algo para o seu próprio bem, ou algo que surge do hábito, costume ou da obrigação moral. Essa é a motivação por trás da ordem social da *Gemeinschaft*, a vontade de fazer coisas para a

comunidade, como parte dela. Por outro lado, a *Kürwille* nos motiva a agir de modo puramente racional, visando atingir uma meta específica, e é o tipo de vontade por trás das decisões feitas em grandes organizações, principalmente empresas. É a *Kürwille* que caracteriza a *Gesellschaft* da sociedade urbana capitalista.

A despeito de sua inclinação política à esquerda, Tönnies era visto como uma figura essencialmente conservadora, que lamentava a perda da *Gemeinschaft* na sociedade moderna, em vez de propor qualquer mudança social. Apesar de ter ganhado o respeito de outros sociólogos, suas ideias só vieram a ter certa influência muitos anos depois. A teoria de Tönnies, junto com sua obra sobre metodologia, abriu caminho para a sociologia do século xx. Weber desenvolveu as noções de Tönnies de vontade e motivação para a ação social, e a ideia de Durkheim sobre solidariedade mecânica e orgânica ecoou o contraste entre *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*. ■

Ferdinand Tönnies



Ferdinand Tönnies nasceu nas ilhas Frísias do Norte, na Schleswig (hoje Nordfriesland, Schleswig-Holstein, Alemanha). Depois de estudar nas universidades de Estrasburgo, Jena, Bonn e Leipzig, terminou seu doutorado em Tübingen, em 1877.

No seu pós-doutorado, em Berlim e em Londres, os interesses de Tönnies se voltaram da filosofia para a política e as questões sociais. Tornou-se tutor na Universidade de Kiel em 1881, mas uma herança permitiu-lhe que focasse apenas sua obra. Também foi cofundador da Sociedade Sociológica Alemã. Devido às suas visões políticas

controversas, só se tornou professor da Universidade de Kiel em 1913. Suas simpatias sociais democráticas e a denúncia pública do nazismo fizeram que fosse destituído da universidade em 1931, três anos antes de sua morte, aos oitenta anos.

Principais obras

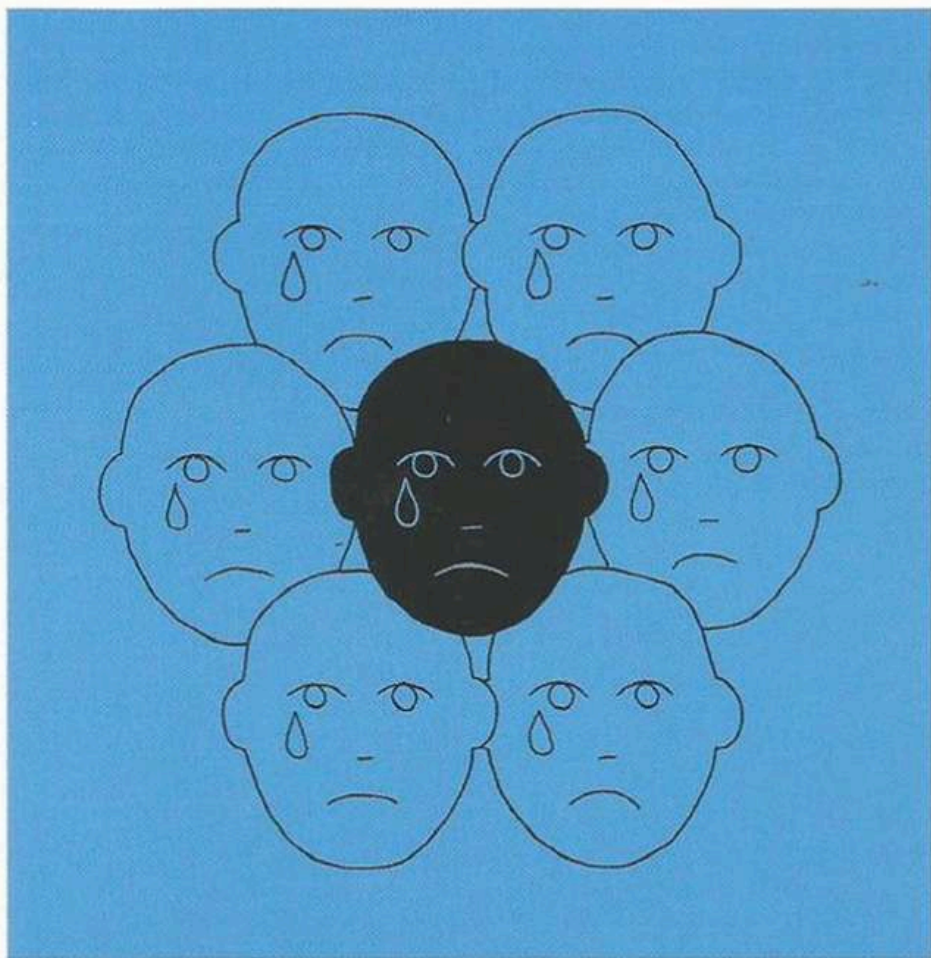
1887 *Gemeinschaft und Gesellschaft*

1926 *Fortschritt und soziale Entwicklung*

1931 *Einführung in die Soziologie*

MUITOS DOS PROBLEMAS PESSOAIS DEVEM SER ENTENDIDOS EM TERMOS DE QUESTÕES PÚBLICAS

CHARLES WRIGHT MILLS (1916-1962)



EM CONTEXTO

FOCO

Imaginação sociológica

DATAS IMPORTANTES

1848 Em *O manifesto comunista*, Karl Marx e Friedrich Engels descrevem o progresso em termos da luta de classes e a sociedade capitalista como um conflito entre a burguesia e o proletariado.

1899 Em *A teoria da classe ociosa*, Thorstein Veblen sugere que a classe empresarial busca o lucro à custa do progresso ou do bem-estar social.

1904-1905 Max Weber descreve a sociedade estratificada por classe, status e poder em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

1975 Michel Foucault mira o poder e a resistência em *Vigiar e punir*.

Durante a Guerra Fria, que se desenvolveu depois da Segunda Guerra Mundial, pouquíssimos sociólogos adotaram uma atitude abertamente socialista, em especial durante a caça às bruxas anticomunista que ficou conhecida como macartismo. Mas Charles Wright Mills nadou contra a maré. Seus livros mais influentes criticavam a elite do poder militar e comercial de seu tempo.

Wright Mills arriscou não somente ser malvisto pelas autoridades durante essa era da "Ameaça Vermelha" nos anos 1940 e 1950, como também rejeitou os sociólogos dominantes. Porém, ele não fazia apologia à ideologia marxista; em vez

Muitos dos problemas pessoais devem ser entendidos em termos de questões públicas.

Mas as pessoas comuns **não relacionam seus problemas** com os problemas da **sociedade** como um todo.

Uma **"imaginação sociológica"** consegue capturar tal relação e ajudar a **transformar a vida de indivíduos** ao atacar os problemas sociais.

Cientistas sociais têm um **dever moral** de usar seu conhecimento para revelar objetivamente as conexões individuais e sociais.

49

disso, apresentava uma crítica dos efeitos da modernidade, apontando o que via, entre colegas intelectuais, como a complacência para com a opressão da "sociedade de massa".

A postura independente de Wright Mills contradizia o sólido fundamento sobre o qual estava baseada. Ele havia sido um brilhante e inflexível estudante de sociologia, tendo admirado, em especial, a obra de Max Weber, cuja ideia de racionalização inspirou o tema central de seu próprio pensamento social.

A sociedade desumanizada

Para Weber, a sociedade moderna estava substituindo os costumes e os valores tradicionais por decisões racionais num processo desumanizador que afetava não apenas a cultura, mas também a estrutura da sociedade. Ele apontou que a organização social racional não é necessariamente baseada na razão ou no bem-estar de todos. Weber também deu a Wright Mills uma noção mais sofisticada de classe, diferente do modelo econômico

simples proposto por Marx, introduzindo elementos de status e poder, além da riqueza.

Tendo um entendimento completo das teorias de Weber e acreditando que elas eram muito mais radicais do que se pensava até então, Wright Mills se prontificou a aplicá-las à sua própria análise dos efeitos da racionalização na sociedade ocidental de meados do século xx.

Ele focou sua atenção primeiro na classe trabalhadora dos EUA, criticando os trabalhadores organizados por colaborarem com os capitalistas, permitindo-lhes assim seguir oprimindo a força de trabalho. Mas esse não era um ataque marxista ao capitalismo. Ele achava que o marxismo havia falhado em entender as questões sociais e culturais associadas à dominância da indústria comercial.

Em seguida, examinou o produto mais óbvio da racionalização: as classes médias burocráticas. Insistia que, em meados do século xx, as classes médias americanas, alienadas

do processo de produção, haviam se divorciado dos valores tradicionais, como o orgulho pelo trabalho manual, e se desumanizado por uma racionalização cada vez maior. Segundo sua visão, elas não passavam de "robôs alegres" — encontrando prazer nas coisas materiais mas apáticos intelectual, política e socialmente —, sem nenhum controle sobre suas circunstâncias.

O fracasso da classe trabalhadora e a inabilidade da classe média em »

“
Que cada homem seja seu próprio metodologista, que cada homem seja seu próprio teórico.
Charles Wright Mills

”

O colapso da indústria automobilística em Detroit, EUA, arruinou a cidade, mas muitos trabalhadores não relacionavam sua pobreza com as ações da elite do poder, que incluía os líderes sindicais.

assumir o controle permitiram à sociedade ser moldada por aquilo que Wright Mills chamava de “elite do poder”. Esta não era necessariamente, conforme enfatizou, uma elite econômica, mas incluía os líderes militares, políticos e sindicais. Weber havia defendido que a racionalização fazia com que a elite empresarial tomasse as decisões, e, meio século depois, Wright Mills dizia que havia sido criada uma nova classe dominante militar-industrial. Ele acreditava que esse era um ponto de inflexão que marcara a transição da era moderna para aquilo que ele definia como a “Quarta Época”. A racionalização, que deveria produzir liberdade e progresso social, estava tendo, cada vez mais, o efeito oposto.

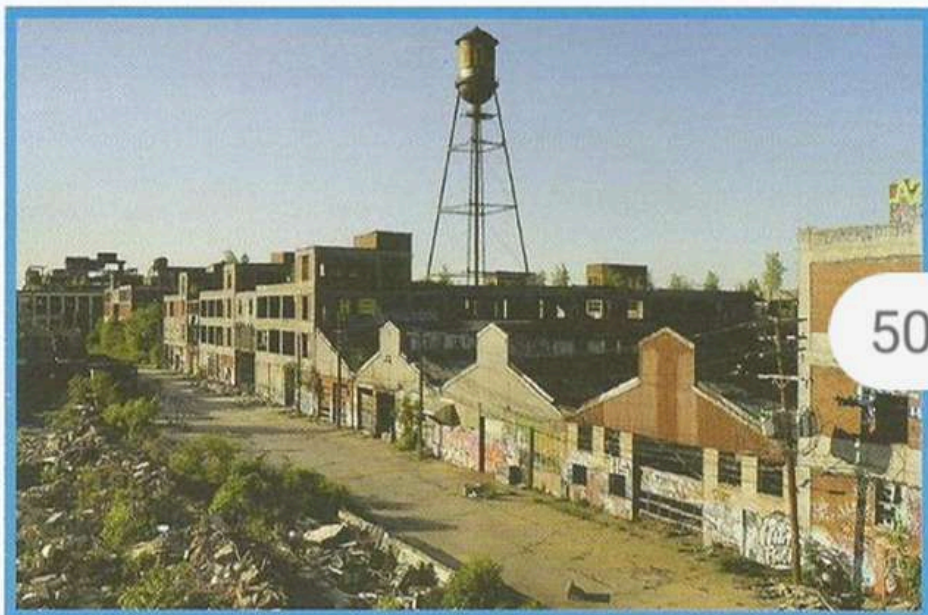
Esse não era um problema só para as democracias liberais, que consideravam a possibilidade de perder o controle das mudanças sociais, mas também para os Estados comunistas nos quais o marxismo tampouco havia se

“

Nem a vida de um indivíduo nem a história de uma sociedade podem ser compreendidas sem o entendimento de ambos.

Charles Wright Mills

”



50

mostrado capaz de oferecer os meios para a tomada do poder. Na raiz dos problemas, de acordo com Mills, está o fato de as pessoas comuns na “sociedade de massa” não terem consciência da forma como sua vida é afetada pela concentração de poder político e social. Vivem sua vida sem perceber como as coisas que lhes acontecem estão conectadas a um contexto social mais amplo. Cada problema individual, como ficar desempregado, endividado ou sem teto, é entendido como algo pessoal e não em termos das forças da mudança histórica. Conforme Wright Mills argumenta, “elas não possuem a qualidade mental essencial para aprender a interação de homem e sociedade, de biografia e história, do eu e do mundo” — a qualidade que ele chama de “imaginação sociológica”.

A falta de imaginação sociológica, então, é a culpada pela ascensão da elite do poder. Em *A imaginação sociológica*, publicado em 1959, Wright Mills muda o seu foco da sociedade para a sociologia e as próprias ciências sociais. Por ser difícil às pessoas comuns pensar em

seus problemas pessoais em termos de questões públicas maiores, cabe aos sociólogos iluminá-las, inspirá-las e instruí-las — garantindo a base do conhecimento e da informação.

O que deveria ser?

Wright Mills era muito crítico da sociologia acadêmica de seu tempo. Na sua opinião, ela estava longe da experiência cotidiana, mais preocupada em oferecer uma “grande teoria” que em se envolver com a mudança social. Wright Mills tinha a visão pragmática de que o conhecimento precisa ser útil, e achava que era um dever moral dos sociólogos assumir a liderança. Já era hora, dizia, de os intelectuais deixarem suas torres de marfim e garantirem às pessoas os meios para tornar a sociedade melhor, para transformar sua vida individual, encorajando o engajamento público nas questões políticas e sociais.

Seu ataque às ciências sociais constituídas questionava a própria noção sobre o que tratava a sociologia. Naquela época, os cientistas sociais se esforçavam para ser observadores neutros, descrevendo objetivamente e

analisando sistemas sociais, políticos e econômicos. Mas Wright Mills os convocava para lidar com a forma como a racionalização e a mudança de controle social para uma elite afetava as pessoas também num nível individual. A adoção da imaginação sociológica implicava uma mudança do estudo objetivo do "que é" para uma resposta mais subjetiva à questão do "que deveria ser". Ele defendia que o poder deveria efetivamente ser transferido para uma elite intelectual.

Um espírito pioneiro

Como era de esperar, a crítica de Wright Mills à sociologia causou hostilidade, isolando-o das visões dominantes. Sua interpretação da constante mudança na natureza da luta de classes também foi amplamente rejeitada. O *statu quo* conservador também o evitou, negando suas alegações a respeito de uma concentração do poder na elite militar, empresarial e política, as quais eram vistas como um ataque direto à política da Guerra Fria no Ocidente.

No entanto, os livros e artigos de Wright Mills foram lidos por muitos, tornando-se influentes fora do



O desemprego pode levar as pessoas a culpar a si mesmas pela sua situação. Mas, segundo Wright Mills, uma imaginação sociológica levaria tais pessoas a ver as causas e os efeitos mais amplos.

contexto das ciências sociais. Os filósofos e os ativistas políticos que surgiram a partir do macartismo se sentiam atraídos, em especial, pela sua descrição de uma elite do poder. Muitas de suas ideias foram adotadas pelos movimentos sociais da Nova Esquerda americana (um termo que Wright Mills popularizou em sua "Carta à Nova Esquerda", em 1960), o que abriu o caminho para sociólogos, como o intelectual alemão Herbert Marcuse, adotarem a abordagem da Nova Esquerda nos anos 1960. As ideias de Wright

Mills estavam, em muitos aspectos, além de seu tempo, e sua morte prematura em 1962 fez com que ele não vivesse para ver muitas delas ser aceitas de forma ampla. Sua obra foi o prenúncio do surgimento de novos pensadores socialistas, especialmente na França, com a contracultura dos anos 1960. A ênfase de Michel Foucault na noção do poder tem uma forte semelhança com as ideias inicialmente aventadas por Wright Mills.

Hoje, a chamada Guerra ao Terror, depois dos ataques terroristas em 11 de setembro de 2001 nos EUA e da desastrosa crise financeira do começo do século XXI, levou a uma crescente percepção de que muito do que experimentamos em nossa vida cotidiana é moldado por questões sociais e históricas mais amplas. O professor e analista americano de política urbana Peter Dreier alegou em 2012 que Wright Mills teria adorado o movimento Occupy Wall Street contra a desigualdade social e econômica. Esse exemplo de pessoas comuns se opondo à elite do poder, que, segundo eles, controla a sociedade e afeta suas vidas, é a imaginação sociológica sendo mostrada numa campanha de mudança social. ■

Charles Wright Mills

Ardorosamente independente e crítico da autoridade, Charles Wright Mills atribuía suas atitudes pouco convencionais a uma infância isolada e, às vezes, solitária, já que sua família se mudava com frequência. Nasceu em Waco, Texas, EUA, e começou seus estudos na Texas A&M University, mas considerava sufocante a atmosfera por lá e largou o curso após um ano. Transferiu-se para a Universidade do Texas em Austin e se formou em sociologia, com mestrado em

filosofia. Um estudante obviamente talentoso, se bem que problemático, foi estudar na Universidade de Wisconsin, onde brigou com seus professores e se recusou a fazer as revisões exigidas na sua tese de doutorado. Acabou por receber o título de doutor em 1942. Nessa época, já havia assumido um posto na Universidade de Maryland e, com um de seus orientadores no doutorado, Hans Gerth, escreveu *Ensaio de sociologia*.

Em 1945, Wright Mills se mudou, com uma bolsa da Fundação Guggenheim, para a Universidade Columbia, onde

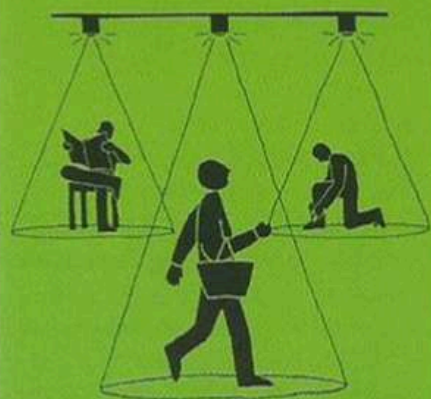
passou o resto de sua carreira. Apesar de sua crítica ferrenha ao meio das ciências sociais por afastá-lo dos principais sociólogos, acabou tendo muita aceitação popular. Sua carreira terminou abruptamente quando morreu de problemas cardíacos em 1962, com apenas 45 anos de idade.

Principais obras

1948 *The New Men of Power: America's Labor Leaders*

1956 *A elite do poder*

1959 *A imaginação sociológica*



DÊ ÀS ATIVIDADES CORRIQUEIRAS A MESMA ATENÇÃO DADA AOS EVENTOS EXTRAORDINÁRIOS

HAROLD GARFINKEL (1917-2011)

51

EM CONTEXTO

FOCO

Etnometodologia

DATAS IMPORTANTES

1895 Émile Durkheim defende uma metodologia estritamente científica para as ciências sociais em *As regras do método sociológico*.

1921-1922 O individualismo metodológico de Max Weber é explicado em *Economia e sociedade*, uma publicação póstuma.

1937 Talcott Parsons tenta formar uma teoria social única e unificada em seu livro *A estrutura da ação social*.

1967 Harold Garfinkel publica *Studies in Ethnomethodology*.

1976 Anthony Giddens incorpora ideias da etnometodologia de Garfinkel à sociologia dominante em seu livro *Novas regras do método sociológico*.

A estrutura da sociedade não é definida "**de cima para baixo**" por um grupo limitado de regras gerais.



Em vez disso, as regras são construídas "**de baixo para cima**", a partir de trocas e interações.



Essas regras podem ser vistas em nosso **comportamento espontâneo** no cotidiano, em vez de em estruturas e instituições sociais.



Dê às atividades corriqueiras a mesma atenção dada aos eventos extraordinários.

Nos anos 1930, o sociólogo americano Talcott Parsons embarcou no projeto de juntar os vários ramos da sociologia em uma única teoria. Seu livro de 1937, *A estrutura da ação social*, combinou ideias de Max Weber, Émile Durkheim e outros, e tentava apresentar uma metodologia universal para a sociologia. Nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, as ideias de Parsons lhe valeram um grande número de seguidores.

Entre os seus admiradores estava Harold Garfinkel, que estudava com Parsons em Harvard. Enquanto muitos dos seus seguidores se sentiam atraídos por uma "grande teoria" da sociologia, Garfinkel assumiu a ideia de Parsons de examinar as raízes da ordem social em vez da mudança social, e em especial seus métodos de pesquisa do assunto.

O funcionamento da sociedade

Parsons havia sugerido a abordagem "de baixo para cima" em vez da "de cima para baixo", para analisar os fundamentos da ordem social. Isso queria dizer que, para entender como alcançar a ordem social numa sociedade, deveríamos olhar as pequenas trocas e interações interpessoais, e não as instituições e estruturas sociais. Tal enfoque colocou a metodologia tradicional da sociologia de cabeça para

Veja também: Émile Durkheim 34-37 • Max Weber 38-45 • Anthony Giddens 148-149 • Erving Goffman 190-195; 264-269 • Talcott Parsons 300-301

baixo: até então, pensava-se que o comportamento das pessoas podia ser previsto ao se descobrirem as “regras” por trás da sociedade.

Garfinkel levou a ideia ainda mais além, desenvolvendo o que acabou sendo uma alternativa à abordagem sociológica tradicional, chamando-a de “etnometodologia”. As regras subjacentes à ordem social eram feitas a partir da forma como as pessoas se comportavam em reação a diferentes situações, e é através da observação das interações cotidianas que podemos ter uma ideia dos mecanismos da ordem social.

Novas perspectivas

Uma categoria de métodos experimentais defendida por Garfinkel ficou conhecida como experimentos de violação de expectativas sociais (*breaching experiments*). Eles foram desenvolvidos para revelar normas sociais — as maneiras esperadas, mas nem sempre percebidas, pelas quais as pessoas constroem um senso compartilhado de realidade. A violação de tais normas — por exemplo, ao pedir aos alunos que chamassem seus pais de “sr. X” ou “sra. X”, ou que se

“
Em termos de procedimento, é minha preferência começar com cenas familiares e perguntar o que pode ser feito para bagunçá-las.

Harold Garfinkel

comportassem como se fossem inquilinos — quase sempre causava certo incômodo ou raiva, já que os fundamentos da ordem social haviam sido questionados.

A etnometodologia não apenas oferecia um método alternativo de pesquisa social como também indicava uma falha na metodologia convencional. De acordo com Garfinkel, pesquisadores sociais apoiavam suas teorias nas evidências de exemplos específicos, mas, ao mesmo tempo, usavam as teorias para

explicar os exemplos — um argumento circular. Em vez disso, eles deveriam examinar as interações sociais particulares de modo independente, não se propondo a achar um padrão ou uma teoria abrangente. Ele se referia a um tribunal do júri, com seus interrogatórios, como “cenas familiares que simplesmente sabemos como organizar de forma inteligível e reconhecível. Qualquer arranjo social, defendia, “pode ser visto como auto-organizado no que diz respeito ao caráter inteligível de suas próprias aparências, quer como representações da ordem social, quer como representações dela”.

A abordagem de Garfinkel foi compilada em *Studies in Ethnomethodology*, de 1967. Numa época em que ideias “alternativas” eram populares, Garfinkel atraiu vários seguidores, apesar de seu estilo de escrita impenetrável. Suas ideias foram inicialmente rejeitadas pelos sociólogos convencionais, porém, no final do século xx, tornaram-se cada vez mais aceitas, talvez não como uma alternativa à metodologia sociológica, mas como uma perspectiva adicional ao campo da ordem social. ■

Harold Garfinkel

Nascido em Newark, Nova Jersey, EUA, Harold Garfinkel estudou administração e contabilidade na Universidade de Newark e fez seu mestrado na Universidade da Carolina do Norte. Ao mesmo tempo, começou sua carreira como escritor, e um dos seus contos, “Color Trouble”, foi incluído na antologia *The Best Short Stories, 1941*.

Depois de servir no Exército sem ir a combate, durante a Segunda Guerra Mundial,

estudou com Talcott Parsons em Harvard, onde obteve seu doutorado. Passou então a lecionar nas universidades de Princeton e Ohio, antes de se fixar na Universidade da Califórnia, em 1954. Garfinkel se aposentou em 1987, mas continuou lecionando como professor emérito até sua morte, em 2011.

Principais obras

1967 *Studies in Ethnomethodology*
2002 *Ethnomethodology's Program*
2008 *Towards a Sociological Theory of Information*



Uma fila é uma forma de organização negociada pelos seus próprios membros, baseada em regras não verbalizadas de interação social num espaço público.



EM CONTEXTO

FOCO Mobilidades

DATAS IMPORTANTES

1830 A primeira ferrovia unindo duas cidades é aberta na Inglaterra, ligando Liverpool a Manchester.

1840 Na Grã-Bretanha, o primeiro selo postal adesivo pré-pago, o "Penny Black", revoluciona a circulação de informação e bens.

1903 Os irmãos americanos Wilbur e Orville Wright fazem o primeiro voo a motor na Carolina do Norte, EUA.

A partir dos anos 1960 Os satélites de comunicação entram em órbita, anunciando a transmissão global instantânea de informação.

1989-1991 O cientista britânico Tim Berners-Lee desenvolve a World Wide Web.

2007 O sociólogo britânico John Urry publica *Mobilities*.

ÀS VEZES PARECE QUE O MUNDO NÃO PARA

JOHN URRY (1946-)

Desde o século xvii surgiram novas tecnologias que possibilitaram a pessoas, objetos e ideias se mover pelo mundo mais facilmente do que antes. O sociólogo britânico John Urry adverte que as consequências desse aumento na mobilidade global demandam que as ciências sociais desenvolvam um "novo paradigma" para o estudo de como bens, pessoas e ideias circulam. Para Urry, tal movimento cria novas identidades, culturas e redes, levando à diversidade cultural, a oportunidades econômicas e, às vezes, a novas formas de desigualdade social.

Sistemas e mobilidades

A principal contribuição de Urry para o estudo da globalização é seu foco nos sistemas sociais que facilitam o movimento. O século xx, em especial, viu o surgimento de carros, telefones, poder aéreo, trens de alta velocidade, satélites de comunicação, redes de computadores etc. Esses "sistemas de mobilidades" de interconexão são o cerne dinâmico da globalização, diz Urry.

“ Ser fisicamente móvel se tornou... 'uma forma de vida' ao redor do globo.

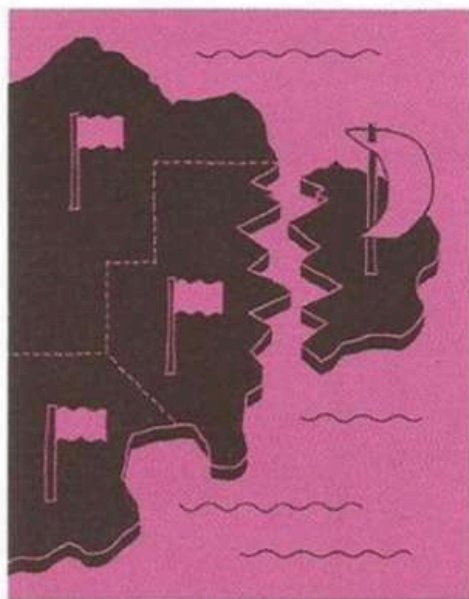
John Urry

163

Ele argumenta que o estudo das "mobilidades" torna transparentes os impactos e as consequências da globalização. De forma similar, o estudo das forças que impedem a mobilidade — as "imobilidades" — é essencial para compreender a exclusão e a desigualdade social contemporânea.

Ao entender esse fluxo global, a sociologia pode explorar melhor as vantagens e os custos sociais e ambientais da globalização (como o crescimento econômico e os poluentes industriais) e as forças que lideram a mudança social. ■

Veja também: Zygmunt Bauman 136-143 ■ Manuel Castells 152-155 ■ Saskia Sassen 164-165 ■ David Held 170-171



AS NAÇÕES PODEM SER IMAGINADAS E CONSTRUÍDAS COM UM TRAÇO HISTÓRICO RELATIVAMENTE PEQUENO

DAVID McCRONE

164

EM CONTEXTO

FOCO

Neonacionalismo

DATAS IMPORTANTES

1707 O Tratado de União é ratificado e o Reino Unido é oficialmente constituído.

1971 O etnógrafo britânico Anthony D. Smith publica seu influente estudo *Theories of Nationalism*.

1983 O sociólogo britânico Benedict Anderson publica *Comunidades imaginadas*, examinando a formação do conceito de nação.

1998 O sociólogo britânico David McCrone argumenta em seu *The Sociology of Nationalism* que o nacionalismo opera como um veículo para uma variedade de interesses sociais e econômicos.

2004 A socióloga japonesa Atsuko Ichijo explora a aparente contradição de uma política de "independência na Europa" em *Scottish Nationalism and the Idea of Europe*.

As forças econômicas, políticas e culturais geradas pela globalização, de acordo com o sociólogo britânico David McCrone, coincidiram com a ascensão do neonacionalismo, o que acontece quando um grupo social em uma nação tenta redefinir sua identidade. Ele argumenta que todas as identidades neonacionalistas dizem respeito a pequenas entidades dentro de grandes estados-nações: por exemplo, a Escócia no Reino Unido, a Catalunha na Espanha, o país Basco, que cobre o sudoeste da França e o norte da Espanha, e a região francófona de Quebec, no Canadá.

Tanto as identidades nacionais quanto as neonacionais são feitas da "matéria-prima histórica" de uma língua comum, dos mitos, das narrativas culturais e dos ideais sociais. McCrone diz que a solidariedade surge sempre que um grupo suficiente de pessoas invoca tais matérias-primas, ou "traços históricos", buscando uma causa comum. Além disso, um traço histórico relativamente pequeno já é o bastante para estimular sentimentos neonacionalistas. Quase sempre,

poucos símbolos são necessários para invocar fortes sensações nas pessoas, como a bandeira Senyera da Catalunha, ou o símbolo da flor-de-lis de Quebec. Apesar do sentimento de diferença em relação ao Estado poder ser o principal fator para os clamores de autonomia, ou maior independência, as motivações das identidades neonacionalistas ou separatistas podem variar bastante. Elas podem ser motivadas, por exemplo, pela percepção da injustiça na tributação ou na alocação de recursos. ■



A organização separatista

basca ETA manteve um conflito político e armado com a Espanha e a França, entre 1959 e 2011, visando à independência política.

Veja também: Émile Durkheim 34-37 ■ Paul Gilroy 75 ■ John Urry 162 ■ David Held 170-171 ■ Benedict Anderson 202-203 ■ Michel Maffesoli 291